
“Remember, Repeat and Elaborate”: The actions recognized by Freud in psychoanalysis in the light of the life and works of Frida Kahlo

“Recordar, Repetir e Elaborar”: As ações reconhecidas por Freud na psicanálise à luz da vida e obras de Frida Kahlo

Received: 10-07-2024 | Accepted: 12-08-2024 | Published: 16-08-2024

Larissa Souza Lima da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1489-7651>
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil
E-mail: silva.larissa.s.l.da@gmail.com

Caroline Vasconcelos Ribeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7866-5473>
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil
E-mail: caroline.ribeiro@uesb.edu.br

Luci Mara Bertoni

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3100-1351>
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil
E-mail: profaluci@uesb.edu.br

ABSTRACT

This critical and reflective investigation seeks to think about the patient's actions of “Remember, Repeat and Elaborate”, recognized in clinical dynamics by the Austrian psychoanalyst Sigmund Freud in 1914, in articulation with the life and works of the Mexican painter Frida Kahlo. This is a scientific production of a qualitative nature, carried out using the inductive method. In view of the reflections raised, we understand that the transference process used by the artist, materialized in the act of painting, acted as an artistic-therapeutic work developed by her as a way of living with and surviving the difficulties she faced throughout her life, the repetition of which contributed to maintaining her psychic health. As a result, her paintings were described by her in terms of the purest expression of self. We understand that, in this expression, Kahlo did not deny an experience pervaded by pain, but used art as a way of living and working through her difficulties.

Keywords: Remembering; Repeating; Elaborating; Abreaction; Painting.

RESUMO

Esta investigação crítico reflexiva busca pensar as ações do paciente de “Recordar, Repetir e Elaborar”, reconhecidas na dinâmica clínica pelo psicanalista austríaco Sigmund Freud em 1914, em articulação à vida e obras da pintora mexicana Frida Kahlo. Trata-se de produção científica de natureza qualitativa, realizada pelo método indutivo. Diante das reflexões suscitadas, compreendemos que o processo de transferência utilizado pela artista, materializado na atuação do pintar, atuou como um trabalho artístico-terapêutico desenvolvido por ela como forma de conviver e sobreviver às dificuldades enfrentadas no decorrer da sua vida, cuja repetição tenha contribuído para a manutenção da saúde psíquica da pintora. Em face disso, suas telas eram descritas por ela em termos da mais pura expressão de si. Entendemos que, nesta expressão, Kahlo não nega uma vivência perpassada por dores, mas usava a arte como uma maneira de viver e de elaborar suas dificuldades.

Palavras-chave: Recordar; Repetir; Elaborar; Ab-reação; Pintar.

INTRODUÇÃO

Em princípio, o texto *Recordar, Repetir e Elaborar* poderia ser compreendido apenas como uma espécie de manual direcionado aos profissionais da área da psicologia e psiquiatria. Contudo, em uma análise aprofundada, é possível traçar correlações entre as ações do paciente, apresentadas por Sigmund Freud ([1914] 2010), e o que aqui consideramos como um processo de transferência que se materializa na “ab-reação” de Frida Kahlo ao pintar e se autorretratar nas pinturas que compõem o arsenal de suas obras.

Nesse contexto, algumas telas de Kahlo foram selecionadas com o intuito de fomentar a discussão acerca da perspectiva psicanalítica de Freud. É importante ressaltar que Frida Kahlo, uma das mais renomadas artistas do México, teve uma vida curta e repleta de desafios, falecendo aos 47 (quarenta e sete) anos de idade em decorrência de uma embolia pulmonar (Herrera, 2011).

Isto posto, questionamos o pintar de Frida Kahlo em termos de um processo de transferência. Assim, temos como objetivo apresentar algumas reflexões a respeito das ações do “Recordar, Repetir e Elaborar”, arrazoadas por Sigmund Freud ([1914] 2010), e analisá-las no contexto da vida e obras da artista mexicana Kahlo, especificamente sobre sua forma singular de “ab-reagir” aos traumas experienciados desde sua infância e que marcaram toda a sua trajetória.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, elaborado por meio do método indutivo e de investigação crítico reflexiva. No que tange aos procedimentos realizados, partimos de uma pesquisa bibliográfica com análise de material teórico, bem como do arsenal artístico da pintora Kahlo para, por meio do surgimento da questão norteadora, delimitar a construção do estudo de reflexão.

Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 86), a indução é

[...] um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.

Nessa conjuntura, o texto utilizado como base para as reflexões suscitadas foi *Recordar, Repetir e Elaborar (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise II)*, datado de 1914, escrito pelo psicanalista Sigmund Freud diante da apreensão das ações do paciente na dinâmica clínica. A partir dessa leitura, emergiu o questionamento acerca da atuação artística de Kahlo relativa aos processos que resultam na elaboração de vivências, sob o qual articulamos se há, nas obras da pintora mexicana, uma modalidade de trabalho artístico-terapêutico que poderia ser pensada nos termos das ações reconhecidas por Freud em *Recordar, Repetir e Elaborar*.

UMA REFLEXÃO DA VIDA E OBRAS DE FRIDA KAHLO SOB A PERSPECTIVA FREUDIANA ACERCA DAS AÇÕES DO PACIENTE “RECORDAR, REPETIR E ELABORAR”

Em suas *Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise II*, Freud ([1914] 2010) parte da concepção de que o recordar de um acontecimento traumático reprimido, sob a forma de evocação livre, seria inalcançável ao indivíduo, que o faria por meio da repetição - maneira não saudável de expressão do conteúdo reprimido, da memória inconsciente – “Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz” (Freud, [1914] 2010, p. 149).

Portanto, a repetição só acontece quando a memória não vem em forma de recordação, mas sim de ato, *acting out*, que, quando relacionado à transferência, “a transferência mesma é somente uma parcela de repetição, e que a repetição é transferência do passado esquecido, [...] para todos os âmbitos da situação presente” (Freud, [1914] 2010, p. 150), de maneira cíclica, o paciente repete, e repete para não recordar, mas recorda ao repetir.

Já o elaborar correlaciona-se “com a “ab-reação” dos montantes de afeto retidos pela repressão” (Freud, [1914] 2010, p. 155), visto que o trabalho de elaborar resistências atravessa as ações do recordar e repetir e finda-se no reagir à situação reprimida, que “só tem efeito inteiramente “catártico” quando é adequada, como a vingança” (Freud, [1893] 2016, p. 20), e, assim, elaborada.

Frise-se que é possível recordar e elaborar memórias sem precisar necessariamente repetir. De igual modo, a “ab-reação” não é o único modo de lidar com a experiência traumática, posto que, a lembrança do trauma “entra no grande complexo da associação, ocupa um lugar ao lado de outras vivências que talvez a contradigam, sofre uma correção por outras ideias” (Freud, [1893] 2016, p. 20).

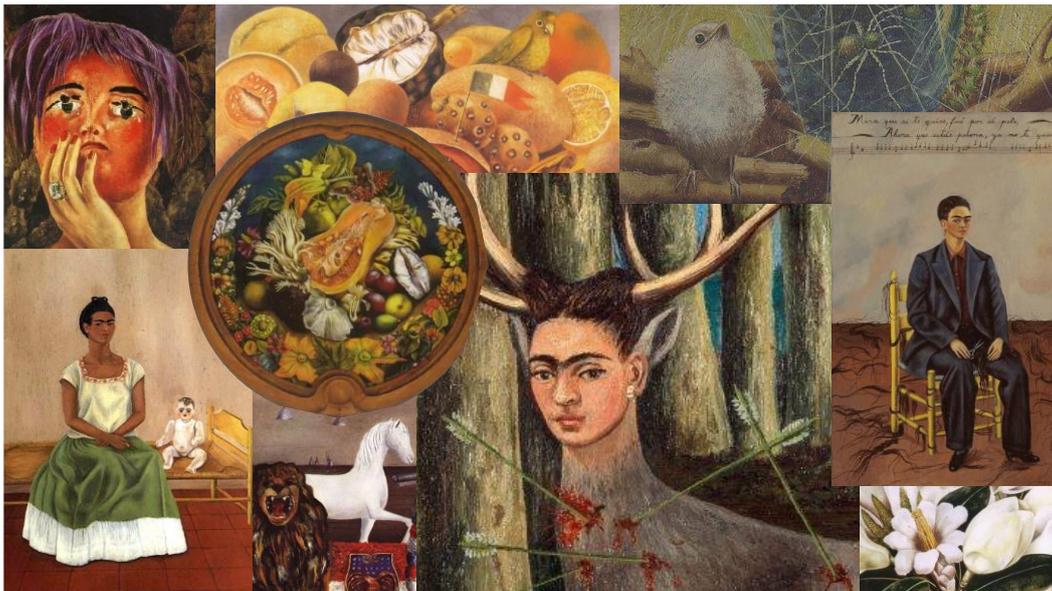
Dito isso, serão traçadas algumas considerações acerca da vida e obras da pintora mexicana Frida Kahlo.

Figura 1 – Autorretrato, 1926



Fonte: Kahlo (1926)

Neste autorretrato, considerado como sua primeira obra artística, Kahlo (1926) se retrata em um vestido de veludo de coloração forte, expressão facial com traços que remetem à sensação de tensão emocional e seriedade - apesar de sua descrição, em carta posterior, indicando-se com serenidade (Herrera, 2011) – ao fundo, um mar agitado compõe a tela que é disposta em céu escuro. O quadro, finalizado em setembro de 1926, foi elaborado com o intuito de presentear Alejandro Gómez Arias, com quem a pintora manteve um relacionamento e do qual pretendia reconquistar o afeto (Herrera, 2011).

Figura 2 – Recorte de obras de Frida Kahlo

Fonte: FridaKahlo.org (composição nossa)

A Figura 2 apresenta uma composição elaborada por um conjunto de quadros da artista, cujos recortes foram delineados com a finalidade de emergir a sensação primariamente causada no espectador ao observar grande parte de suas obras, marcadas por cores fortes, presença de elementos aparentemente desconexos e autorretratações excêntricas. Observamos nas telas um recordar da artista que acontece pelo ato de pintar, seja para presentear alguém, retratar uma parte da sua história, trazer à tona certo fragmento de personalidade, ou colocar em evidência um objeto ou ser vivo.

Cabe esclarecer que a finalidade artística da atuação não é o ponto central dessa discussão, mas a sua repetição no decorrer da vida da pintora. Sobre isso, “[...] vimos então que o analisando repete em vez de lembrar, repete sob as condições da resistência” (Freud, [1914] 2010, p. 151), dispõe o psicanalista. Logo, a repetição ocorre como uma resistência ao recordar, isto é, ao lembrar que permite elaborar.

Para Freud ([1914] 2010), a repetição é o caminho menos saudável para trazer à tona a memória. Isso porque o paciente atua em vez de lembrar. A partir de análises das obras artísticas de Kahlo, vislumbramos um movimento contrário, em que ela repete para poder expressar sempre, para nunca esquecer.

Contraposto ao recordar, o resistir torna-se a condição de sobrevivência de alguns indivíduos em sua realidade atual, que o fazem por ser extremamente doloroso retomar a determinada(s) memória(s). Contudo, a repetição atuará de forma cada vez mais evidente

na substituição do rememorar, o que é acentuado pelo tamanho da resistência ao(s) fato(s) traumático(s) (Freud, [1914] 2010).

Mas o que repete? A respeito disso, explicita Freud ([1914] 2010, p. 151), “[...] repete tudo o que, das fontes do reprimido, já se impôs em seu ser manifesto: suas inibições e atitudes inviáveis, seus traços patológicos de caráter”. Nas obras de Kahlo, identificamos a repetição de telas que abordam a mesma temática, não obstante os inúmeros autorretratos e a presença do elemento sangue – a exemplo dos quadros que retratam seus abortos, acontecimento recorrente na vida da pintora.

Todavia, esse repetir não vai na direção contrária à recordação, como aquele que Freud ([1914] 2010) aponta acerca dos pacientes em resistência. Conforme já dito, em Kahlo observamos um repetir que remete à premissa de pertencimento, sua atuação opera como condição de manutenção do seu ser, como meio de recordação e vivência. Em uma analogia de cunho artístico estariam as marcas das tintas para a tela, do mesmo modo que os quadros enquanto simbologia narrativa da sua trajetória de vida.

Dessa maneira, a atuação artística de Kahlo poderia ser pensada em termos de uma compulsão à repetição, a ela desconhecida. Por outro lado, o pintar atuou como um trabalho terapêutico desenvolvido pela artista “a fim de manter no âmbito psíquico todos os impulsos que este gostaria de dirigir para o âmbito motor” (Freud, [1914] 2010, p. 152), como algo negativo a si. Isto posto, ainda que houvesse uma compulsão à repetição na atuação do pintar de Kahlo, a descarga atuaria de modo positivo, visto que seria uma ação de repetição em que se recorda os acontecimentos e os elabora.

Ademais, é necessário salientar a dificuldade em torno da elaboração de um trauma que continua acontecendo, e tomando como exemplo a situação dos abortos, notamos que esses acontecimentos passados eram dotados de força atual, pois se atualizavam em cada tentativa mal sucedida. Assim, o desejo de gerar um filho não cessava – movido, talvez, pelo ímpeto do abandono materno sofrido e pela busca de modificação da sua realidade – e retomava com a esperança de uma nova tentativa, que resultava em um passado-presente cada vez mais traumático.

Em face disso, depreendemos que o repetir, tal como pensando por Freud ([1914] 2010, p. 151), busca “[...] conjurar uma fração da vida real, e por isso não pode ser inócuo e irrepreensível”. Nesse momento, o psicanalista lança luz sobre a questão da deterioração do indivíduo, processo que atravessa o reestabelecimento do paciente.

Para Freud ([1914] 2010), a degradação do paciente é inevitável ao curso do tratamento, ao que acrescenta que a “[...] própria doença não deve mais ser algo

desprezível para ele, mas sim tornar-se um digno adversário, uma parcela do seu ser fundamentada em bons motivos, de que cabe extrair algo valioso para sua vida futura” (Freud, [1914] 2010, p. 152). Isso resulta em uma mudança na atitude consciente do indivíduo no que diz respeito a sua doença, a partir de um processo de aceitação e compreensão.

Inicia-se, com isso, o movimento em torno da elaboração das resistências reprimidas, que pode ser correlacionado à “ab-reação”. Por meio do deslocamento e descarga de uma carga de afeto – manifestação particular da soma de excitação – a “ab-reação” acontece. Em Kahlo, evidencia-se o “ab-reagir” pelo pintar, que é uma parte (fragmento) da repetição do seu passado-presente, razão pela qual a artista tudo pinta, toda a sua trajetória e não apenas os abortos ou questões traumáticas. A pintura torna-se, portanto, a sua forma de expressão, que utiliza para reconstituir sua história e ressaltar a vida em sua inteireza.

Notamos que as telas de Kahlo também apresentam uma marca sombria, a qual deve ser pensada, sobretudo, diante do contexto em que estava imersa e, portanto, lhe era inerente. Como afirma Frida Kahlo, “minhas pinturas são [...] a mais franca expressão de mim mesma, sem levar em consideração julgamentos ou preconceitos de quem quer que seja” (Herrera, 2011, p. 626). Na obra seguinte, a pintora faz uma conclusão vibrante a suas produções.

Figura 3 – Viva la Vida, Melancias, 1954



Fonte: Kahlo (1954)

A última obra de Kahlo traz contrastes de cores que remontam sua trajetória de vida: o vermelho, em alusão ao sangue dos seus abortos, cirurgias e amputação; o verde, ligado à natureza e à esperança que marcam a dubiedade existente em sua pulsão de vida e de morte¹; o marrom, que remete à terra de solo árido; já o azul, ao céu, que aparece mais escuro e nebuloso em metade do quadro e vai suavizando até encontrar tons que aludem ao contato com os raios do sol.

As melancias são outros elementos em destaque, além de uma comida afetiva que aduz à tradição e cultura mexicana, caracterizam-se por uma espessura rígida que protege a parte interna do fruto. Essas frutas trazem a representação de força necessária a uma vida marcada por dores intensas como a da artista. Contudo, quando abertas, as melancias ecoam vivacidade; em suas sementes, a simbologia de continuidade; na polpa, a beleza de um fruto fresco e doce, assim como é pensada a vida na obra que leva o título de “Viva la Vida, Melancias”, escrita na parte central do quadro da artista Frida Kahlo (1954).

Diante das reflexões suscitadas, podemos dizer que o processo de transferência utilizado por Kahlo é o que aparenta ter possibilitado que a artista não desenvolvesse um adoecimento psíquico. Para Freud ([1914] 2010, p. 154), “[...] a transferência cria uma zona intermediária entre a doença e a vida, através da qual se efetua a transição de uma para a outra”. Logo, vemos que as resistências da pintora foram superadas pela elaboração de cada obra, o que impediu o seu adoecimento sob a forma de uma neurose comum, por exemplo.

Dessa feita, o trabalho artístico-terapêutico realizado por Kahlo teria perpassado a substituição de potenciais sintomas neuróticos pela atuação do pintar, expressão artística desenvolvida por ela e praticada ao longo de toda a sua vida, de modo consciente ou inconsciente, e ainda, sem suporte profissional. Assim, a repetição da ação até poderia ser caracterizada como uma neurose de transferência, mas essa, segundo a concepção freudiana, é passível de cura pelo trabalho terapêutico.

¹ “[...] duas forças opostas: uma energia que impele à ação e outra que leva à inanição. Aquelas que levam à ação já eram bem conhecidas, pois consistiam no agrupamento das pulsões sexuais e de autopreservação. Freud deu-lhes o nome de Pulsões de Vida. [...] diziam respeito às excitações que induziriam à busca de objetos. Por outro lado, aquelas que levavam à estagnação [...] Freud as nomeou Pulsões de Morte. [...] uma tendência que levaria à eliminação da estimulação do organismo. Assim, o trabalho dessa pulsão teria como objetivo a descarga, a falta do novo, a falta de vida, ou seja, a morte” (Azevedo, Mello Neto, 2015, p. 70).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em que pese Sigmund Freud e Frida Kahlo serem figuras proeminentes em campos distintos, é possível encontrar conexões entre as ações explicitadas na obra *Recordar, Repetir e Elaborar* e a vida e obras de Kahlo. Em suas *Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise II*, Freud ([1914] 2010) apresenta inferências acerca do processo de elaboração das resistências devidas à repressão, imprescindíveis para a compreensão do porquê da recordação de um ou mais acontecimentos traumáticos levarem à repetição de uma prática, mesmo após o conhecimento dela.

Acentua, também, o psicanalista, que a atuação do paciente é que irá despertar sua consciência para iniciar o tratamento, que ocorre justamente por uma repetição do tipo compulsivo, ou ainda por um sintoma conversivo, fóbico, obsessivo. Somente assim, através de compreensão e interpretação por intermédio do decorrer do tratamento, o indivíduo tornar-se-á capaz de “ab-reagir” à(s) situação(ões) traumática(s), e, dessa forma, realizar o processo de transferência de suas “cotas de afeto” que foram, até então, “estranguladas pela repressão”.

Diante da vida e obras de Frida Kahlo, inferimos que a artista mexicana realizou seu processo de elaboração das resistências e expressão subjetiva nas telas, seja ao retratar suas dores e aflições, seja ao pintar suas esperanças e alegrias. Foi por meio da terapêutica por ela desenvolvida, em que a atuação do pintar, materializada no curso da tinta do pincel para seus quadros, que a artista transferiu e elaborou os seus afetos.

AGRADECIMENTOS

Direcionamos agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) *campus* de Vitória da Conquista - Bahia, e ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS), pelo fomento e incentivo à construção e troca de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Monia Karine; MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos. O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 15, n. 1, p. 67-75, abr. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 jun. 2024.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II. Obras completas volume 10, **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. (Trad. Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, [1914] 2010.

FREUD, Sigmund. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. Comunicação preliminar (Breuer e Freud). Obras completas volume 2, **Estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer**. (Trad. Laura Barreto). São Paulo: Companhia das Letras, [1893] 2016.

FRIDAKAHLO.ORG. **Frida Kahlo Paintings**. Disponível em: <https://www.fridakahlo.org/frida-kahlo-paintings.jsp>. Acesso em: 15 jun. 2024.

HERRERA, Hayden. **Frida: a biografia**. (Trad. Renato Marques). São Paulo: Globo, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.